

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Cel Eng **PAULO VITOR CABRAL MONTEIRO**

**A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOPOLITICO
JAPONÊS E SUA INFLUÊNCIA NO EQUILIBRIO
REGIONAL**



Rio de Janeiro

2018

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOPOLITICO JAPONÊS ESUA INFLUÊNCIA NO EQUILIBRIO REGIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Política, Estratégia e Alta Administração Militar.

Orientador: Cel Art R1 FERNANDO LUIZ VELASCO GOMES

Rio de Janeiro
2018

Sumário

1. INTRODUÇÃO	2
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	6
1.2 HIPÓTESE	6
1.2.1 VARIÁVEIS.....	6
1.3 OBJETIVOS.....	6
1.3.1 OBJETIVO GERAL	6
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	7
1.4 METODOLOGIA	7
1.5 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	7
2. DEFINIÇÕES DE GEOPOLÍTICA APLICADAS AO MODELO JAPONÊS	8
2.1 PENSAMENTO GEOPOLÍTICO JAPONÊS.....	8
2.2 CONVERGÊNCIA PARA EXPANSÃO JAPONESA	9
3. CULTURA MARCIAL JAPONESA E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOPOLITICO.....	12
3.1. XINTOÍSMO E A CONSTRUÇÃO DA CULTURA MARCIAL	12
3.2. CONVERGÊNCIA DO BUDISMO PARA A CRIAÇÃO DO PENSAMENTO MARCIAL	17
3.3 SURGIMENTO DO SAMURAI E A CONSOLIDAÇÃO DA CULTURA MARCIAL.	20
3.4. OPERÍODO DOS XOGUM E O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO	24
4. A ERA MEJI, O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO E A EVOLUÇÃO PARA OS DIAS ATUAIS.....	28
4.1 A ERA MEJI E O IMPÉRIO JAPONÊS	28
4.2 O PERÍODO PÓS- GUERRA E A EVOLUÇÃO GEOPOLÍTICA.....	31
5. CONCLUSÃO	39
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

O Japão, país de cultura ímpar e de milenares tradições, mudou sua orientação geopolítica ao longo de várias eras mantendo, contudo, papel marcante no cenário internacional. KISSINGER (2015), atesta que em um passado recente o Japão, como potência bélica, estava focado na expansão territorial através de conquistas militares. Migrou após a Segunda Guerra para um papel de discreta aliança com os Estados Unidos, apoiando um pacifismo dissonante com sua cultura ancestral voltada para as artes da guerra, centrado na recuperação econômica que, como sempre, foi surpreendentemente rápida, KISSINGER (2015). As tradições de estado militarizado e centrado no desenvolvimento coletivo, onde a individualidade perde espaço para o bem-estar geral, não tem, afinal, mudado no passar dos séculos e, talvez, as mudanças sugeridas no comportamento japonês não tenham efetivamente transformado a cultura tradicional tão profundamente, ODA (2011). Atualmente, como potência econômica e democracia monárquica, é referência de produtos de alta tecnologia e valor agregado, participando e influenciando ativamente o mercado internacional. Além disso, coerente com a sua política de defesa e equilíbrio mundial, participa como membro da ONU, em missões de paz. Contudo recentes mudanças na política de defesa nacional, orientam o desenvolvimento do preparo e emprego das forças de defesa para atuação inclusive em forças expedicionárias, JAPÃO (2015).

Figura1- Diversidade da orografia e vegetação



Fonte: [emhttps://geografiam.wordpress.com/2014/10/20/japao-resumo-geral/](https://geografiam.wordpress.com/2014/10/20/japao-resumo-geral/)

O Japão atual é um complexo sistema rochoso de várias ilhas que apresenta significativa variação climática, por estar disposto, em sua maior dimensão, em longitude que em latitude. Ainda que a maior parte de seu território esteja distribuída nas ilhas de Honsho e Honkaydo, mais centradas em relação as outras mais ao sul, o clima de Okinawa, por exemplo é bem mais quente que na capital do Japão, Tokyo,

BARRIE (2016). Sua orografia tipicamente montanhosa e o clima temperado, contrasta com as reações violentas da natureza, comuns naquela parte do sudeste asiático, BARRIE (2016). Vulcões ativos, furacões e terremotos sazonais, somados ao complexo sistema topográfico do conjunto de ilhas que formam o Japão, acrescentam muitas dificuldades para a manutenção da sociedade e sua qualidade de vida.

Figura 2- Vulcões ativos no Japão



Fonte:<http://www.portalmie.com/atualidade/2014/11/aumento-de-atividades-vulcanicas-no-arquipelago-japones/>

Com cerca de 20% de terrenos planos convenientes ao cultivo, coincidem com as estreitas planícies costeiras, BARRIE (2016). Os japoneses aproveitam ao máximo suas terras férteis e cultivam com proficiência e qualidade uma profusão de frutas legumes e cereais, particularmente arroz, utilizando tecnologia e maquinário especializado para tanto. Contudo estas planícies costeiras não formam um todo contínuo, são separadas e divididas por conjuntos dissociativos de montanhas que favoreceram a divisão natural em províncias, atualmente, e em feudos, nas épocas mais remotas, nos quais líderes de clãs, os Damyo, forjaram seus domínios, BASIL (2009).

Figura 3- Pujante flora japonesa



Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/japao/elementos-japoneses-que-integram-cultura-brasil.htm>,

As Ilhas que conformam o Japão moderno estão cerca de 360 Km do continente, parte ao sul mais próxima da Korea e China, e ao centro um pouco mais distante, BARRIE (2016). Muito provavelmente, embora não se possa afirmar com certeza, a composição étnica do Japonês recebeu contribuição desses e de outros povos asiáticos, em uma migração muito antiga cujo início supera, provavelmente, os 10000 anos. De fato, o relativo isolamento geográfico permitiu que as migrações criassem um genótipo muito específico e característico, GRIFFIS (2017). Se a origem étnica é de difícil determinação, a herança cultural claramente apresenta traços dos povos asiáticos, em particular da China, que durante muito tempo foi um imenso império que impunha medo e respeito e exportava cultura, GRIFFIS (2017). Mas uma vez a especificidade do Japão criou um fenômeno cultural muito característico. Os traços culturais, até mesmo o confucionismo, não foram propriamente copiados, mas adaptados, transformados, para atender os objetivos particulares de um povo muito incomum, GRIFFIS (2017). É importante notar que, apesar do Japão apresentar aspectos culturais comuns, desde a antiguidade, a divisão política e territorial que o complexo geográfico favoreceu, caracterizou uma cultura na verdade multifacetada e regionalizada. O conceito de cultura nacional unificada é bem mais recente, data do século 19 e, foi em grande parte, fruto de um esforço para a criação de um novo modelo de estado, ODA (2011). No entanto, muitos pontos comuns, herança de mais de três milênios de civilização, construíram uma certa identidade cultural ou, pelo

menos, fortes pontos de contato que proporcionaram ao longo do tempo,, identificação e caracterização da nação, GRIFFIS (2017).

O Japão manteve até o século 19, forte isolamento, particularmente dos povos do ocidente, que não foi somente uma determinante geográfica, foi uma decisão geopolítica consciente em vários momentos da longa história japonesa, COSTA (2017). A natureza peculiar da Ilha levou seus habitantes a um judicioso uso de todos os recursos disponíveis, além de um zelo pela terra e propriedade. Isso é um comportamento natural dos povos que possuem limitações ou dificuldades, criando uma resiliência e um isolamento natural, segundo WATSUJI, citado por ODA (2011).

No entanto a medida que o Japão se estabilizou, fortificou suas instituições políticas, consolidando o conceito da natureza divina do poder original dos imperadores Yamato, BASIL (2009). A tradição e os costumes gerais da religião Xintoísta somada aos valores espirituais e morais do Budismo, forjou uma compreensão única do conceito de servir e cunhou os aspectos mais surpreendentes do conceito japonês de honra, como nos relata TSUNEMOTO (2008). Foram estes conceitos que permitiram estabelecer uma cultura de disciplina e marcialidade, constituindo exércitos particulares dos Damyo e mais tarde, máquinas de guerra para os governantes militares, Xogum, VASCONCELOS (2015).

A semelhança do que ocorreu na Europa, os interesses conflitantes dos diversos Damyo, provocaram inúmeros conflitos e um prolongado período de guerras intestinas que dividiu o país em muitos lados. Contudo o jogo político e muitas alianças concentrou o poder nas mãos de um Chefe militar, o Xogun. Sucessivas gerações de perspicazes líderes levaram a um período de relativa paz interna GRIFFS (2017). Essa paz permitiu um salto do pensamento geopolítico japonês, determinando o início das conquistas de territórios para o sul, além das ilhas de Honsho e Honkaido, na direção de reinos que eram, até então semi- independentes da China, como o reino de Riukyu. Mais tarde a própria China e a Korea seriam alvos da cobiça Japonesa e grandes empreendimentos foram montados para a conquista desses territórios, GRIFFS (2017). Contudo somente na era Meji, como final do período dos Xogum e a restauração do poder do imperador, o projeto nacionalista e expansionista foi completamente implantado e o Japão pode consolidar imensas conquistas territoriais em toda Ásia, no final do século 19 e início do século 20, ODA (2011).

Este trabalho tem por objetivo, apresentar a evolução do pensamento geopolítico japonês e como a cultura marcial desse povo, baseada no direito de servir e na observação atenta da natureza que os cerca, influi no processo de construção do pensamento geopolítico.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Como a cultura marcial japonesa pôde influenciar a evolução do pensamento geopolítico do País? Podem- se citar momentos históricos que atestem a influência daquele pensamento no equilíbrio geopolítico do Sudeste Asiático?

1.2 HIPÓTESE

O pensamento geopolítico Japonês vem, ao longo do tempo, sendo forjado pela influência da cultura marcial japonesa, que é a base da própria identidade nacional, e esse pensamento geopolítico pode influenciar o equilíbrio geopolítico regional.

1.2.1 VARIÁVEIS

Variável independente	Variável dependente
A cultura marcial japonesa é a base da identidade nacional e do pensamento geopolítico.	O pensamento geopolítico japonês influencia o equilíbrio regional asiático.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Determinar a influência do pensamento geopolítico japonês no cenário regional.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1.3.2.1 Apresentar peculiaridades da cultura marcial japonesa e sua influência na construção do pensamento geopolítico e na identidade nacional.

1.3.2.2 Identificar interações do Japão feudal, durante o Xogunato, com países do Sudeste asiático.

1.3.2.3 Identificar aspectos característicos do pensamento geopolítico japonês na era Meiji, no período pós-guerra, e nos dias atuais.

1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Analisando o entorno estratégico e as constantes evoluções do ambiente Geopolítico do Sudeste Asiático, percebe-se um crescente recrudescimento de antigas instabilidades e tensões que nunca foram perfeitamente resolvidas, KISSINGER (2015). Considerando o potencial geopolítico e geoestratégico que China e Korea do Norte possuem dentro do cenário regional e mundial, o Japão vem reestruturando seu pensamento geopolítico clássico, que envolvia limitações no uso de forças armadas e a destinação dessas forças. Atualmente, mesmo com resistência interna, o Governo Japonês implementa uma reestruturação da política e da estratégia de defesa, proporcionando um conceito mais elástico que permita fazer frente a ameaças maiores e empregar a força de modo mais proativo, JAPÃO (2015). Contudo esse pensamento não é novo, vem de muitos séculos de amadurecimento da cultura marcial e da identidade nacional, na qual a resiliência ocupa papel preponderante ao lado do emprego da força e, o senso de legitimidade supera o senso de justiça, COSTA (2017). Esse ator multifacetado e com potencial capacidade para alterar ou influir nos destinos da Ásia, carece de estudos mais profundos que lancem luz sobre seu pensamento geopolítico. Desse modo, com esse trabalho, se busca compreender melhor a influência do Japão no contexto geopolítico asiático.

1.4 METODOLOGIA

Para a consecução dos objetivos propostos, uma vez que se busca entender uma evolução do pensamento baseado na formação da identidade nacional, esta pesquisa será conduzida através de um estudo exploratório qualitativo, baseado na análise documental.

1.5 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho estará limitado pela linha temporal do início do Império Yamato, 700 antes de Cristo (AC), no que tange os elementos fundamentais para a formação da nacionalidade e do pensamento geopolítico, no início e término do período dos governos dos Xogum, do século 16 até o século 19, para identificar as mudanças do pensamento geopolítico, na era Meiji e atual, do século 19 até os dias atuais, caracterizando a adaptabilidade do pensamento marcial japonês nas diversas concepções estratégicas

2. DEFINIÇÕES DE GEOPOLÍTICA APLICADAS AO MODELO JAPONÊS

Pode-se chamar de ciência geopolítica, a interação dos fatores geográficos, físicos humanos sociais e culturais, na condução da política de um Estado, CORREIA (2012). Dessa interação por vezes mais simples e direta, por vezes nebulosa e complexa, os estados em seu entorno regional ou extra regional criam dinâmicas relações que muitas vezes envolve guerras internas e externas, ocupações e dominações, ABAD (2016). No caso do Japão, essa dinâmica envolveu, por longo período, guerras internas que levaram a um relativo isolamento dentro de seu espaço geográfico original. No entanto, depois de unificado por um poder central e um governo forte e autoritário, partiu em jornadas de conquistas de países vizinhos modificando, portanto, sua conformação geográfica através da aplicação estratégica de seu pensamento geopolítico, COSTA (2017). Esse processo expansionista, muito mais tarde, no século 19, seria teorizado por Friedich Ratzel como a busca pelo espaço vital necessário para o desenvolvimento, comum a vários estados da Europa e Ásia, desde a antiguidade, ABAD (2016). No caso japonês, essa busca iniciou ainda no século 12, na tentativa de unificação dos vários feudos e pequenos reinos independentes, em torno de uma autoridade imperial, GRIFFIS (2017).

Ainda como processo de criação da nacionalidade, a geopolítica japonesa, ao longo da história, sempre passou longos períodos de guerra, antecipando o conceito de Clausewits que a guerra é uma extensão da política, ABAD (2016). Na verdade, toda a sociedade japonesa foi moldada em bases de conceitos marciais, valorizando ao máximo a classe social dos guerreiros, samurai.

2.1 PENSAMENTO GEOPOLÍTICO JAPONÊS

A condução formal dos destinos de uma nação, delegada a um governo, permeia ideias e políticas com objetivos, que em geral, buscam o desenvolvimento e o crescimento de determinado estado. Essa condução carece de um pensamento, coerente com seus objetivos, que alie a ordenação da ocupação espacial e a busca pelo desenvolvimento nacional. A formulação teórica desses fatores em um pensamento, conforma a direção geopolítica a seguir, dando o viés, original ou não, necessário para o alcance dos objetivos determinados, ABAD (2016). Na longa história Japonesa, esse pensamento geopolítico sempre foi influenciado pela cultura marcial, particularmente durante o período dos governos Tokugawa, que formaram

suas ideias de estado, baseados em uma sociedade fortemente militarizada e belicosa, GRIFFS (2017).

Ainda com respeito a formação do pensamento geopolítico japonês, segundo GOTTMAN, citado por SILVA (2016), o isolamento político e geopolítico ocorre mais pelas barreiras do espírito, ou seja, características anímicas da identidade nacional, do que pelo natural isolamento geográfico que uma ilha, por exemplo, pode apresentar. No caso japonês a singular identidade cultural, forjou um conjunto independente e nacionalista que, por muitos séculos, permaneceu com pouco contato com outras nações, voluntariamente.

2.2 CONVERGÊNCIA PARA EXPANSÃO JAPONESA

Muitas nações em determinadas épocas, mesmo nas mais remotas, ampararam seu pensamento geopolítico em conceitos, que orientavam para ocupação de um “espaço vital” viabilizando a sobrevivência de uma nação e seu desenvolvimento, CORREIA (2012). Como fonte de riqueza e de alimentos, a ocupação das terras férteis, produtivas e com mais riquezas minerais provocou, em vários momentos, ciclos de expansão, em geral, pelo uso da força, ABAD (2016). Com o Japão não foi diferente. Com cerca de 20% de terras férteis distribuídas nas planícies costeiras das ilhas de Honshu e Honkaido, quando obteve relativa paz interna tratou de expandir seus domínios para o sul, alcançando o reino de Riukyu com férteis e produtivas terras, particularmente na ilha de Okynawa, DOLLAR (1996).

O Japão aplicou até a era Meiji, segundo ATTALI, citado por CORREIA (2012), das três formas clássicas, ou a “trilogia funcional do poder”, quais sejam; o poder religioso, o poder militar e poder econômico, duas de forma mais intensa, o poder militar e o religioso. O poder militar, que é o emprego da força na direção das relações dos grupos sociais, foi caracterizado pela militarização do estado e o prestígio dos guerreiros samurai por mais de sete séculos. O poder religioso que se exerce através do sagrado e dirige as relações com o além, estava presente em todos os momentos da vida social japonesa, e permanece até os dias atuais.

A expansão que ocorreu, por força da orientação geopolítica, rendeu, também, novas capacidades e potencialidades, através da troca cultural. Com o reino de Ryukyu, além da arte e alimentação, o Japão importou nova e potente arte marcial, mais tarde conhecida genericamente por Karate, mãos vazias, que agregou valor de combate as já poderosas forças japonesas, quanto ao emprego do combate corpo-a-

corpo e emprego de diversificadas armas brancas, DOLLAR (1996). Dessa maneira a expansão favorece condições para novas campanhas expansionistas, aumentando o poder e a influência do Estado, COSTA (2017).

Com o início da era Meiji, no alvorecer do século 20, um novo cenário político permitiu uma troca cultural inédita. Com a aproximação forçada com o ocidente, novas correntes de pensamento surgiram e novas ciências, a exemplo da geopolítica, se tornaram acessíveis para os estadistas japoneses. Particularmente as teorias de Karl Haushofer, atraíram pensadores e estrategistas japoneses, do mesmo modo que encantaram nazistas e fascistas, ODA (2016). A noção de um conjunto espacial com um objetivo dinâmico e a necessidade de um espaço vital, davam embasamento teórico necessário para a expansão territorial, construindo as bases intelectuais para o imperialismo, ABAD (2016). Essa busca por uma área de influência e domínio que permitisse o crescimento nacional e a formação do império, acompanhou o pensamento geopolítico japonês até o final da Segunda Guerra Mundial. Por essa época, o Japão incrementou a participação do poder econômico ao pensamento geopolítico, “que se exerce através do dinheiro e dirige as relações no interior de cada grupo social”, CORREIA (2012). De maneira natural, com novas e dinâmicas trocas comerciais ou forçosamente, através da obtenção de novas colônias exploratórias, o Japão aplicou o poder militar e econômico em benefício do crescimento imperial.

Com o fim da Segunda Guerra, e a conseqüente polarização EUA versus URSS, a nova teoria geopolítica dos Estados Unidos, de Nicolas Spikeman, era a oposição direta ao conceito aprofundado e melhorado de John Mackinder sobre a Hertland. Mackinder considerava o Europa, Oriente Médio e Rússia, a área pivot, o “coração da Terra” que uma vez conquistado, permitiria a conquista da “ilha mundo” Àsia-Europa, dando embasamento teórico aos objetivos da URSS. Spikeman propunha um equilíbrio de poder e uma detenção do avanço das conquistas soviéticas, através de uma política de contenção, conquistando a aliança de países tampões, como Israel e Japão, que impediriam o avanço dos soviéticos, ABAD (2016).

Com a aliança com Estados Unidos, o Japão montou um novo pensamento geopolítico utilizando essa nova teoria e de um antigo conceito do Almirante americano Mahan, que orientava as nações a investir no poder marítimo para dominar o comércio. Tão logo fortaleceu sua economia, O Japão investiu pesado na indústria naval, expandindo seu comércio e influenciando profundamente o mercado

internacional, ODA (2016). Nessa nova fase, o poder econômico ganha preponderância sobre os demais, ainda que fortemente apoiado pelo poder religioso, sempre presente no cotidiano japonês. O poder militar, antes determinante, assume um papel secundário, até recentemente, quando volta a ganhar força, face as ameaças externas e o novo cenário internacional, JAPÃO (2015).

3. CULTURA MARCIAL JAPONESA E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOPOLITICO

3.1. XINTOÍSMO E A CONSTRUÇÃO DA CULTURA MARCIAL

Ruth Benedict, antropóloga norte-americana, analisa a cultura japonesa na obra “O crisântemo e a espada”, reconhecendo os dois elementos presentes no título do livro como essenciais para se compreender a história do Japão. O entendimento da autora é que o crisântemo – símbolo do lado espiritualizado dos japoneses – sempre foi contrabalançado pela espada – representante da faceta guerreira do japonês – e a contradição entre esses elementos representa o equilíbrio e constitui a essência da cultura nipônica. Ao longo de toda sua História, como é descrito a seguir, o Japão sofreu intercalados períodos de guerra e de paz, de centralização e descentralização, de florescimento espiritual e de pobreza religiosa, e isto é reflexo do espírito nipônico algumas vezes tão paradoxal. PERES (2010)

A história do Japão, como a de qualquer país de origem remota, muitas vezes mistura fatos comprováveis, histórias impossíveis de se verificar e lendas. Essas últimas, muitas vezes, são partes indeléveis da identidade da nação. No caso do Japão, a presença marcante e determinante da natureza para a sobrevivência do povo, levou ao surgimento de uma religião autóctone, o Xintoísmo, que permeia a vida daquele País, GRIFFS (2016). No início da história do Japão a devoção aos elementos da natureza, mesclada a reverência aos ancestrais, criou uma religião que ditou e dita costumes que vão do vestuário até a alimentação, BASIL (2009). Essa religião original, estimulou um amor incondicional do povo japonês, às ilhas que

conformam o Japão, dádivas dos deuses Ysanami no Mikoto e Ysanagui no Mikoto, já que são frutos solidificados de suas lágrimas. Do matrimônio dessas duas divindades nasceram uma miríade de deuses representantes de forças e aspectos da natureza, centenas de kami, espíritos sagrados, PHILIPPI (1969). Também nos primórdios da criação desses deuses ancestrais, os ritos praticados até hoje para purificação, matrimônio e nascimento, foram criados. São adotados como padrão na sociedade japonesa desde então, PHILIPPI (1969).

O Xintoísmo é minimalista por essência, prega a simplicidade e o uso judicioso e reverente de todos os recursos. Seus templos podem ser considerados austeros, de beleza singular e marcante. Desde os tempos mais remotos, cultuam os ancestrais e elementos da natureza como divindades e destas a divindade ou Kami, Amateratsu, No Kami, filha de Ysanagui no Mikoto, representa o sol e tem um destaque especial. Dela, segundo a lenda, descendem os imperadores do Japão desde os primeiros imperadores, Mikaido, do reino Yamato, BASIL (2009).

Figura 4- Santuário xintoísta dedicado a deusa Amateratsu No Kami



Fonte: <http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/religiao.html>.

O conceito Xintoísta do kami, espírito ou força natural que habita todas as manifestações da natureza, desde montanhas até os seres vivos de toda espécie, dá um caráter sagrado a todas as coisas. Na verdade, objetos consagrados em

cerimônias especiais, podem conter o kami. Desde a antiguidade os japoneses conservam pequenas placas de madeira que representam o kami dos parentes mortos, BASIL (2009). Do Xintoísmo e de seus rituais surgem os primeiros conceitos de respeito e disciplina, tão caros ao povo japonês. A disciplina para o uso racional e adequado de tudo o que está disponível, guardando e conservando com zelo elevado os objetos e utensílios, são características marcantes dessa religião, KANDA (2017). A austeridade dos templos xintoístas originais refletia um conceito de valorizar somente o essencial e cultuar o simples, GRIFFS (2009).

Ainda durante um período ancestral, a era Yamato, palavra que designa povo e o reinado original do Japão, o lendário primeiro Mikaido, ou imperador Jimmu Teno era, a um tempo, governador e líder religioso, como todos os demais imperadores desde então. Supõe-se que o primeiro reinado de Yamato na província de Naha, tenha surgido por volta de 700 AC, GRIFFS (2017). O Japão não era unificado e o reinado de Yamato coexistiu como outros pequenos reinados em Honshu. Contudo o caráter divino atribuído ao Mikaido foi sendo cada vez mais aceito pelos habitantes das terras centrais do arquipélago. Nos séculos seguintes, com a consolidação da autoridade espiritual do Imperador, todos os súditos japoneses aceitavam essa condição divina, GRIFFS (2009). Esse aspecto divino seria fundamental para estruturar a devoção quase fanática que permitiu que o Japão se tornasse um império sem precedentes na Ásia, superando o Império Chinês da antiguidade, ODA (2011).

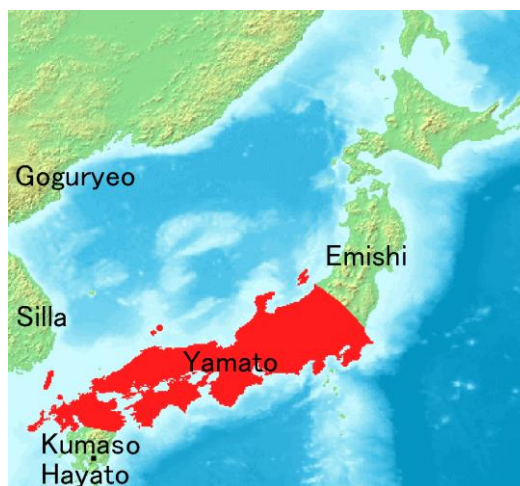
Figura 5- Representação artística do Imperador Jimmu



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_imperadores_do_Jap%C3%A3o#/media/File:Emperor_Jimmu.jpg,

Esta lenda forjou as bases do reino de Yamato como já descrito que, através de alianças e guerras, foi expandindo sua influência para além das fronteiras originais alcançando uma soberania relativa na ilha de Honshu, BASIL (2009).

Figura 6 Reino de Yamato



Fonte: <http://nihondo.blogspot.com.br/2009/05/lenda-do-primeiro-imperador-e-monarquia.html>.

Muitas campanhas bélicas aceleraram a expansão do território original do reino Yamato. Os sucessivos imperadores construíram suas estruturas de governo baseadas em um sistema feudal.

Cabe ressaltar que o comércio que se estabeleceu com a China, ainda antes da era cristã, permitiu o acesso aos japoneses das teorias de Confúcio, sábio chinês, que teria nascido por volta da metade do século 4 antes de Cristo (AC). Tendo sido oficial e burocrata do império Chinês, teorizou as relações do homem na sociedade e o papel do estado. Vem desse pensador a ideia de um estado forte conduzido por um governante sábio e absoluto, com um grupo de assessores de alto nível, aprovados para o serviço do estado por méritos, CONFUCIO (2016). Na mesma coletânea de citações de Confúcio, Os Anacletos, o sábio chinês orienta sobre a importância da disciplina, do estudo e da obediência aos governantes e senhores de terras. Esses conceitos se acomodam perfeitamente a cultura marcial, então nascente, no florescimento do império Yamato, GRIFFIS (2009). Confúcio também influenciou a burocracia do estado, compartimentando ofícios e segregando funções dentro de especialidades, CONFÚCIO (2016). Ainda que o governo imperial não consiga manter seu poder unificado dentro da estrutura feudal japonesa, mais tarde os Xugun vão implementar um sistema burocrático de estado também inspirados por Confúcio.

Na medida em que os territórios eram incorporados, as terras iam sendo redistribuídas e os senhores feudais rendiam obediência ao imperador, considerado ser divino, GRIFFIS (2009). O valor marcial da disciplina e obediência a que o povo Japonês está afeto até hoje foi consolidado pelo contínuo estado de guerras internas e campanhas militares que moldaram o Japão. O poder real baseado na obediência ao imperador divino, o espírito de sacrifício, ordem, disciplina e austeridade são heranças do xintoísmo, mais tarde reforçadas e aprofundadas pelo budismo, GRIFFS (2009).

Figura 7- Demonstração de respeito e disciplina do povo japonês



Fonte: <https://skdesu.com/ocasioes-em-que-deve-se-curvar-no-japao/>

3.2. CONVERGÊNCIA DO BUDISMO PARA A CRIAÇÃO DO PENSAMENTO MARCIAL

O Budismo teve a sua origem no nordeste do subcontinente indiano, durante o século VI a.C., tendo sido a sua fundação enquanto ideologia de caráter filosófico e religioso atribuída a Siddhartha Gautama, que viveu, presumivelmente, entre 566 e 486 a.C. Filho de Suddhodana, líder do clã Shakya, Siddhartha nasceu no seio de uma família pertencente à elite indiana e integrante da segunda mais alta casta social da sua civilização, a dos ksatriyas, ou seja a aristocracia guerreira. Da sua ascendência do clã dos Sakya, deriva a designação que lhe é várias vezes atribuída de 'Sakyamuni', o sábio dos Sakya. PRAZERES (2012)

Durante a consolidação do reinado Yamato, com a prevalência da autoridade real e a expansão territorial, as trocas comerciais e culturais com a Korea e a China

ganharam impulso, COSTA (2017). Uma série de novos conceitos e novas tecnologias chegaram ao Japão e foram rapidamente customizadas, como é peculiar àquele País, GRIFFIS (2017). O budismo chegou ao Japão vindo da Korea e China por volta do século 4, sendo reconhecido pelo Imperador em 538 D.C. Muitas tradições budistas foram importadas com suas interpretações específicas dos ensinamentos e aos poucos, com mais ou menos tensões, foi criado um sincretismo muito particular com o xintoísmo, THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR EDUCATIONAL INFORMATION (1990). Segundo GRIFFS (2009), o xintoísmo carecia de um código moral. Os costumes, rituais, festividades, além de locais e diversificadas, não impunham um conjunto ético de preceitos e não havia codificação comportamental. É importante notar que o relacionamento entre o xintoísmo e o budismo no Japão, não se trata de um sincretismo clássico de religiões, mas mais uma simbiose. Aspectos do budismo e suas crenças complementam crenças e aspectos do xintoísmo, em uma harmonia construída ao longo dos séculos. Não houve propriamente mistura de conceitos e formulações religiosas, mas adequação de visões e princípio, PERES (2010)

Através de um senso acurado de obediência ao Imperador e seus representantes, o povo era conduzido por um ciclo constante de ações militares. A filosofia budista, em suas múltiplas correntes, é composta por um conjunto ético e de preceitos morais como, austeridade e abandono dos desejos, de modo a construir um ideal altruísta e coletivo. O budismo trazia o código moral faltante, IKEDA (1977) e essa nova teoria religiosa complementava a visão austera e minimalista do xintoísmo, combinando um ideário moral de bem comum e compaixão, sem descuidar do princípio básico do dever.

Particularmente a doutrina Zen Budista, focada na simplicidade por princípio e na impermanência natural de todas as coisas, permitia agregar o desapego a tudo o que era mundano e não essencial, como o dever. A auto disciplina está no centro da prática do zen, que rapidamente influenciou todas as artes no Japão, particularmente as artes marciais, THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR EDUCATIONAL INFORMATION (1990). Inicialmente melhor aceita pela classe aristocrática que controlava o uso da força e das escolas de artes marciais, o budismo implementou um senso único de perfeição e concentração na prática marcial, bem como desenvolveu o desapego à vida, criando o paradoxo de viver intensamente, dentro de princípios morais austeros o dia atual, já que a impermanência de todas as coisas materiais,

sugeria que a morte poderia chegar a qualquer momento. A prática intensiva da meditação, aspecto fundamental do budismo, agregou valor a efetividade das artes da guerra, TSUNEMOTO (2012).

Figura 8- Salão de meditação de templo zen budista em Kyoto



Fonte: <https://www.paulopes.com.br/2015/11/templos-budistas-no-japao-estao-fechando-poe-falta-de-adeptos.html#.WqbHTEjwZpk>.

Ao longo dos anos a influência das duas grandes correntes religiosas no Japão foram se mesclando, os costumes, festas e ritos xintoístas foram compondo o quadro cultural com o budismo e seu modelo de comportamento moral e social. Nesse particular, as artes marciais, profundamente influenciadas pelo zen, foram ganhando complexidade e refinamento se difundindo em várias escolas de pensamento e doutrina., MUSASHI (2000). Por volta do século X, com o budismo consolidado, a cultura marcial era parte do cotidiano, em um Japão conflagrado. O budismo fornecia a paz e o conforto necessário, uma vez que ensinavam o sentido da impermanência das coisas e a importância de focar no hoje como momento mais importante. O futuro e o passado não tinham importância, a dedicação a um ideal e a doação total para viver o momento presente era o que importava, “a única certeza de um guerreiro é a sua morte”, TSUNEMOTO (2012).

No entanto dentro do próprio budismo, sempre houve espaço para a defesa dos interesses e da segurança dos templos e dos senhores feudais patrocinadores desses templos. Monges guerreiros, sohei, altamente adestrados no uso de diversas artes marciais, protegiam templos e não raro, combatiam ao lado de exércitos feudais, RIVERS (2016).

Por outro lado, o xintoísmo e seus inúmeros kami e rituais permeavam a vida pública e privada do japonês e dava sentido estético a cultura e ao comportamento

social “Escalei a montanha Iwwato de Hlgo, em Kyushu, para homenagear o céu, rezar para Kwammon e ajoelhar-me diante de Buda”, trecho inicial da obra Go Rin no Sho de Miamoto Musashi, MUSASHI (2000).

Nesse interim, os senhores de terra, líderes feudais, competiam entre si por mais terras e poder. Incapaz de gerir todo o governo, tendo delegado poderes aos senhores feudais, os Damyo, o imperador não tinha mais o controle absoluto do governo dos seus territórios. De maneira até paradoxal, a paz de espírito e a disciplina budista, aliada a concentração e a meditação, favoreceram o florescimento das artes marciais e o crescente belicismo que culminou em séculos de guerra civil, GRFFIS (2017).

3.3 SURGIMENTO DO SAMURAI E A CONSOLIDAÇÃO DA CULTURA MARCIAL.

Inicialmente a palavra samurai, que literalmente significa servidor, representava os soldados que combatiam as guerras de Yamato. Com o refinamento da cultura marcial, embebida das duas fontes principais do pensar japonês, esse soldado foi ganhando estatura e importância e passaria a representar a própria cultura japonesa, MUSASHI (2000).

A partir do Século 12 o Japão se viu mergulhado em sucessivas guerras intestinas que cristalizaram o espírito marcial, obediente, disciplinado e diligente do povo japonês. O significado de servir ultrapassou o conceito de dever. Ser servidor, ser um samurai ou servir a um senhor era um privilégio, TSUNEMOTO (2012). A ponto de quem não servia a um senhor, era considerado pária.

Figura 9- Samurais do início do período Meiji



Fonte: <http://www.nipocultura.com.br/?tag=homem>

Os senhores feudais tinham seus próprios exércitos de samurai, sendo estes também samurai e obedientes a outro senhor mais poderoso ou diretamente ao imperador. Essa dinâmica foi construída ao longo de um período extenso de guerras, VASCONCELOS (2015).

Um samurai começava seus estudos marciais muito cedo, aos oito anos e continuava ao longo da vida. Sua técnicas e táticas, embora de origem ancestral chinesa, ganharam identidade própria e se desenvolveram ao longo do extensivo período de guerras, se valendo do gênio japonês para aprender e adaptar, RIVERS (2016).

Um samurai aprendia com seus muitos e variados mestres artes marciais, caligrafia, etiqueta, literatura, arco e flecha, ju- jutso (defesa pessoal), kenjutsu (arte da espada), equitação e outras matérias, sendo em geral culto, paciente e disciplinado, VASCONCELOS (2015). Contudo a austeridade e severidade de julgamento também eram cultuadas e pequenas falhas podiam ser castigadas com morte se a falta fosse cometida contra um samurai. Esse tinha licença para matar em defesa de sua honra VASCONCELOS (2015). A honra do samurai era entendida como a manutenção da honra de seu senhor, a defesa da dignidade de seu clã, a dignidade própria, o nome de seus pais e inúmeros outros aspectos pelos quais valeria a pena,

e era permitido matar ou morrer, TSUNEMOTO (2012). Em nenhum caso, caberia ao samurai qualquer punição.

Os símbolos e costumes foram sendo criados e aperfeiçoados ao longo do tempo, como a espada. O katana, que no período Yamato era uma arma auxiliar, durante as eras dos xogun se tornou o próprio símbolo da honra do samurai, VASCONCELOS (2015). Seu método de confecção foi se aperfeiçoando ao longo dos séculos e se tornou uma arma extraordinária que combinava perfeitamente a dureza e a flexibilidade, rompendo inclusive as potentes armaduras dos invasores mongóis, VASCONCELOS (2015).

Todos os ensinamentos recebidos ao longo da vida do samurai eram chamados de caminho da estratégia, ou seja, tudo que era aprendido seria usado para sobrepujar um oponente, no mais amplo sentido da palavra, MUSASHI (2000).

TSUNEMOTO (2012), relata que além da obediência, do respeito, seja a seus pais, seja a seu senhor, um samurai devia seguir o caminho da honra, da ética e bondade, além de se manter culto e com bons modos.

Um outro aspecto interessante é o fato dos samurais terem a capacidade de entender e discernir outras culturas, sem mudar sua maneira de pensar. Por isso a influência estrangeira demorou tanto para se implantar, VASCONCELOS (2015).

Um conjunto dos preceitos não escritos transmitidos de maneira consuetudinária se consolidou como o caminho do guerreiro, Bushido, (“bushi”, guerreiro e “do” caminho). Yamamoto Tsunemoto, renomado samurai e líder militar, compilou em um livro chamado Hagakure, um conjunto impressionante de normas éticas e morais altamente austeras VASCONCELOS (2015). Na verdade, aquele pensador sintetizou as regras de comportamento que já vinham sendo adotadas pelo povo japonês. Servir e a manter a honra estava acima da manutenção da vida e o suicídio ritual, seppuku ou haraquiri, para evitar uma captura ou uma derrota em combate, poderia restaurar a honra, TSUNEMOTO (2012).

A população em geral e não só os guerreiros samurais adotaram o mesmo comportamento e valor moral. Acompanhados de rebuscado ritual, os servos tiravam suas vidas para restaurar a honra e, feito isso, seus kami estariam ao lado dos ancestrais e deuses. Para entender a dimensão dessa prática, um comportamento

inadequado ou uma ação imprópria, como se dirigir a um damyo na hora errada ou de maneira desrespeitosa, poderia comprometer a honra e significar a morte, seja pelas próprias mãos, seppuku ou haraquiri; ou pelas mãos de um samurai executor, VASCONCELOS (2015).

Mas a compreensão do senso de dever e honra no Japão, não é simples. O Ronin, que significa homem onda, aquele sem destino que não tem um mestre para servir, era considerado um pária no Japão feudal, KANDA (2017). Esse termo passou a designar os samurais que perdiam seu senhor e portanto, em tese, perderiam o propósito da vida. Contudo, dependendo do motivo subjacente, a condição de ronin poderia ser uma honra, VASCONCELOS (2015). Shimen Musashi No Kami Fujiwara no Geshin ou simplesmente Myamoto Musashi, foi talvez o mais famoso e influente samurai, que escolheu por vontade própria ser ronin para melhor entender e estudar o caminho da estratégia. Foi chamado de Kensei, o santo da espada, e até hoje seu livro Go Rin no Sho é uma referência de guia de estratégia, para artistas marciais, militares e empresários. Foi considerado na sua época um exemplo de samurai honrado e exímio guerreiro, MUSASHI (2000).

Figura 10- Representação teatral de um ritual de seppuku



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=ritual+do+seppuku&rlz=1C1AVNE_enBR750BR750&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjByo3At_HZAhXJEZAKHXvPCW4Q_AUICigB&biw=1350&bih=594#imgrc=-4jAfJsFFi-33M

A cultura marcial japonesa, baseada na disciplina respeito e obediência, foi o alicerce para que os senhores da guerra conduzissem os destinos do Japão por centenas de anos e o samurai foi seu símbolo supremo. Os obedientes e disciplinados japoneses consolidaram o império nas ilhas de Honshu, Hokaido, e o Reino De

Ryukyu. Depois, seguindo o espírito militarista e conquistador dos sucessivos senhores, foram até a China e a Korea, DOLLAR (1996).

3.4. OPERÍODO DOS XOGUM E O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO

O sistema político cada vez mais descentralizado, na mão de senhores feudais, os damyo, samurais proprietários de terra, e sua ambição por poder, levou o Japão a vários séculos de conflitos. A maior parte dos damyo tinham o pensamento geopolítico voltado para a conquista de mais terras e súditos, na busca da dominação total do arquipélago, COSTA (2017). Curiosamente, algumas ramificações da família imperial original tentaram tomar o trono, mas geralmente não foram legitimadas e grandes senhores da guerra buscaram uma saída mais original para obter o poder de fato, já que a origem divina do imperador era um aspecto fundamental da identidade nacional, COSTA (2017).

No final da Era HEIAN ou FUJIWARA, de 794 a 1185, grandes alianças entre grupos samurai foram feitas, resultando em grandes clãs disputando a influência sobre o imperador. Esses clãs eram a família Fujiwara, que manipulava os últimos Imperadores do Período Yamato e as famílias Minamoto e Taira, ambas ramos diferentes da família imperial, que manifestavam inimizade contra a Corte e eram constituídos por membros ou descendentes de membros que foram excluídos do direito à sucessão pelo instituto da exclusão dinástica, COSTA (2017).

A rivalidade das duas famílias engajou-as em turbulentos combates na idade média do Japão. Com a vitória do clã dos Minamoto na batalha de Dannoura, no Mar Interior, o poder imperial ficou mais enfraquecido ainda. Minamoto No Yoritomo, líder da família, foi consagrado pelo imperador em 1192, como o líder militar, Xogun que

passaria a exercer o poder de fato no Japão pelos próximos 700 anos, THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR EDUCATIONAL INFORMATION (1990). Xogum significa literalmente, grande general que derrota os bárbaros, e sua função seria comandar todos os guerreiros do Japão, a disposição do imperador, para deter os invasores externos em caso de necessidade. Na prática os damyo mais capazes e preparados, tanto econômica como militarmente, conquistaram o destruíram outros clãs e ascenderam a posição, legitimados pelo imperador que se tornou refém do poder militar. Contudo diferente do pensamento comum, o imperador e o xogum coexistiram de maneira simbiótica, sendo que o primeiro legitimava a existência do segundo, COSTA (2017). Enquanto o xogum governava de fato, o imperador era o legítimo senhor de todo o Japão, inclusive do próprio xogum.

Figura 11- Estátua de Minamoto No Yoritomo



Fonte:<http://www.espadaskatana.com.br/2016/11/28/minamoto-no-yoritomo-o-primeiro-xogum-xogum/> acessado em 17 de mar de 2018 às 1200h

Breves períodos de paz e duas tentativas de invasão mongol no século 13, consolidaram o valor e a liderança dos Xogum. Mas, a divisão interna dos clãs desafiava a todo tempo o equilíbrio de poder. No século 14, sucessivas revoltas de clãs na luta pelo poder, cada vez mais acirrada, marcou um período de 100 anos de guerra civil que dividiu e devastou o país ainda mais, VASCONCELOS (2015). Contudo este período do xogunato teve uma importância geopolítica fundamental, uma vez que a eficiência militar dos samurai, sob o comando dos xogum, permitiu que o Japão fosse o único País da Ásia em que as tentativas de invasão mongol, no século 12 não tivessem sucesso. As duas tentativas foram detidas, com a ajuda de fortes intemperes e furacões, VASCONCELOS (2015).

No final do século 14, após os esforços e a genialidade militar do xogun Nobunaga Hideoshi o Japão tende a uma unificação, com os clãs se reunindo em blocos mais homogêneos e aceitando a autoridade única, embora mantivessem muita autonomia em seus domínios feudais. Mas com a morte de Nobunaga, seu lugar-tenente Tokugawa Ieyasu, assume o controle das terras e do exército de seu senhor, sofrendo forte oposição de Ishida Mitsunari. Essa rivalidade culminou em uma batalha épica, Sekigahara. Os senhores feudais, polarizados entre Ieyasu e Mitsunari, se enfrentam com seus respectivos servos, em dois grandes exércitos. Vitorioso Tokugawa inicia um período de 250 anos de xogunato hereditário e um período de paz interna, VASCONCELOS (2015).

Durante esse longo período a família Tokugawa pôde consolidar o pensamento geopolítico nacional, garantindo a posse, por conquista, do reino de Ryukyu em 1680, e até se aventurando no entorno estratégico como Korea e China. Essa orientação imperialista foi catalisada pelo crescimento populacional de uma era de paz e as crescentes necessidades de mais recursos e terras. Ao mesmo tempo, o xogun fechou as fronteiras para estrangeiros, particularmente ocidentais, favorecendo a consolidação da peculiar cultura japonesa, DOLLAR (1996).

Entre os vários aspectos que garantiram o sucesso do estabelecimento do xogunato de Tokugawa e sua paz imposta, o controle do estado através de medidas práticas que permitiram estruturar uma burocracia de estado moderno, que somente no século 17 se veria na Europa, ganha destaque. Uma das medidas mais emblemáticas desse período foi o decreto do katanagari, literalmente, caça as espadas. Por essa medida, oficiais do xogun recolheram as armas de toda a população que não era samurai, desarmando as milícias locais e diminuindo o risco de revoltas. Esse controle da vida do povo japonês permitiu a criação de um estado estratificado em castas, camponeses, artesãos, comerciantes e samurais, estes últimos no mais alto nível de importância mas, ao mesmo tempo, dependentes de seu senhor pois não possuíam terras e dependiam do estipêndio do daimyo, COSTA (2017). A relação política da época ficou conhecida como bakufu, autoridade dos senhores locais, MACEDO (2017).

“O período inicial dos Tokugawa no início do século 17 até meados do século 18 apresentou um crescimento econômico significativo”, MACEDO (2017). Esse desenvolvimento se deve na maior parte, pelo aumento da produção agrícola e o

aumento do mercado interno e as trocas externas, particularmente com a China. No entanto estas mudanças não eram bem vistas por todos. O crescimento econômico e o rápido desenvolvimento do comércio e da manufatura, aproximando o Japão cada vez mais dos povos estrangeiros, colocava, segundo a visão de muitos damyo, em risco o sistema tradicional da vida japonesa, MACEDO (2017).

4. A ERA MEIJI, O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO E A EVOLUÇÃO PARA OS DIAS ATUAIS

4.1 A ERA MEIJI E O IMPÉRIO JAPONÊS

As causas do declínio do Xogunato dos Tokugawas, ou do período EDO, são múltiplas e foram se conjugando até meados do século 19. A prosperidade no campo agrícola, crescimento da atividade comercial e urbana, e o descontentamento das classes guerreiras, junto com o isolamento ao mundo externo, são fatores cruciais nesse período. Certamente um dos fatores mais agravantes em fins do século 18 fora a situação decadente e marginal dos samurais, especialmente aqueles de baixo escalão. Esses samurais a muito se encontravam endividados e impedidos de se envolver em atividades comerciais e agrícolas, MACEDO (2017).

Nesse quadro, o século 19 se inicia com as sementes de revolta, que na verdade tem como mentores um complexo grupo de intelectuais, mercadores, e alguns damyo que identificam novas possibilidades em uma nova era e um novo mundo, ODA (2011). A aproximação constante do mundo ocidental e suas novas tecnologias, no final da era Edo, ainda que por contrabando, aguçava a ambição daqueles que enriqueceram nos tempos de paz de Tokugawa ODA (2011).

A presença ocidental na Ásia era uma realidade e o Japão estava atrasado na abertura oficial dos portos e no estabelecimento de relações diplomáticas. O governo Tokugawa estava fragilizado e desgastado e a situação se agravou quando em 1853, uma frota de navios americanos aportou no Japão e impôs à força, a abertura dos portos. Em uma rápida sequência, vários outros países ocidentais estabeleceram comércio e relações diplomáticas, com uma elevação drástica da presença estrangeira em território japonês, MACEDO (2017).

A maneira desordenada e abusiva pela qual a presença estrangeira foi imposta, sinalizou para vários setores da sociedade que o poder do xogum estava desgastado e o movimento pela restauração do poder do imperador ganhou força, PERES (2010). Um movimento ultranacionalista, que a um tempo identificava oportunidades no ocidente capitalista, queria o crescimento nacional comandado por um governo estritamente nacional com objetivos e metas que favorecessem o Japão, PERES (2010). O conflito evoluiu para uma rápida guerra civil, que restaurou o poder do imperador, nomeado como Meiji, regente iluminado, MACEDO (2017).

Teve início um rápido período de ocidentalização, com a absorção de novas tecnologias e o incremento da base industrial, baseado em um processo de remodelação do estado. A estrutura feudal foi desfeita, com os grandes senhores de terra entregando suas posses ao governo imperial e sendo indenizados por isso, GRIFFIS (2017). Muitos somaram seus recursos com os mercadores ricos e formaram o zaibatsu, literalmente senhores da riqueza, investindo em parques industriais que, começando pela seda, evoluíram para vários setores, inclusive de armamento (em 1880 o Japão produziu vários lotes de um moderno fuzil nacional), com amplo apoio do governo imperial. Era intenção do governo do Imperador não se deixar subjugar pelas nações ocidentais, e o parque de material bélico teve prioridade, MACEDO (2017).

Com o incremento da Marinha de Guerra e o alistamento militar obrigatório, o Japão imperial viveria uma nova era de militarismo, dessa vez sob o comando de um governo imperial centralizador e autoritário, estabelecido nas bases da disciplina e do dever e novamente com o xintoísmo como religião de estado, GRIFFIS (2017). Na verdade, muito embora não se tenha retirado das bases do pensamento japonês, a influência do budismo, o apoio do estado ao crescimento do xintoísmo estava na raiz do culto ao imperador como descendente da deusa Amateratsu No Kami, e a consequente adoração do governante máximo, como um verdadeiro deus, PERES (2010).

Adotando um pensamento geopolítico reformado, a tônica agora era criar um espaço de influência que abrangesse a Korea, China e outras nações grandes e pequenas do sudeste asiático. O objetivo era estabelecer um entorno estratégico que impedisse a colonização do ocidente como se verificava na China, MACEDO (2017).

Identifica-se, segundo PERES (2010), a utilização dos princípios de Mahan, para definir uma zona da influência nas terras subjacentes ao mar da China e na Manchúria.

Em 1934 Eliji Amau, porta-voz do gabinete imperial de relações exteriores, criou o contra-ponto da doutrina Monroe quando cunhou o termo a “Ásia para os asiáticos”, declarando que o Japão deveria proporcionar a paz na Ásia, PERES (2010).

Contudo, estas pretensões geopolíticas geraram conflitos com potências do ocidente e Ásia levando invariavelmente a conflitos como, a guerra com a China e com a Rússia. Em ambas o Japão saiu vitorioso e ampliou sua área de domínio e influência, FAU (2017). A eclosão da Primeira Guerra Mundial alavancou ainda mais a crescente economia Japonesa, aumentando suas exportações de produtos industrializados na Ásia, para suprir a ausência dos produtos ocidentais direcionados para o esforço de guerra, FAU (2017). Um parque industrial diversificado que contava com indústrias pesadas e estaleiros, era a realidade do Japão nos idos de 1920. Sua expansão econômica e política aumentava em toda a Ásia e sua base industrial era variada e independente de influências externas, FAU (2017).

Uma demanda crescente de matéria prima, aliada a uma crise mundial, ia ao encontro das teorias fascistas de estado nacional totalitário, militarizado e centralizador, planejando e controlando a economia. Na verdade, para o Império Japonês essas teorias legitimavam uma tendência natural do governo Meiji, FAU (2017)

Consolidado o governo autoritário e militarizado no Japão, no final dos anos de 1930, com um novo incremento do culto ao imperador temperado por um forte orgulho nacional e xenofobismo, o Império Meiji iniciava uma franca expansão imperialista. A principal diferença da época dos xogum é onde estava centralizado o poder, ODA (2011). Um pouco antes do início da segunda guerra, o Japão já tinha o controle de boa parte da Ásia, incluindo China e Korea, ocupando e dominando, com crescente violência o sudeste asiático e as ilhas do Pacífico, ODA (2011).

Com esse espírito belicista e imperialista o Japão avançou para a segunda guerra aliando-se ao Eixo, Itália e Alemanha, cujas doutrinas totalitárias e nacionalistas se alinhavam com o pensamento geopolítico japonês de então, ODA (2011). A derrota na Segunda Guerra trouxe profundas mudanças no mapa político Japonês.

4.2 O PERÍODO PÓS- GUERRA E A EVOLUÇÃO GEOPOLÍTICA

A primeira consequência da derrota foi uma extraordinária reorganização da própria constituição geográfica do Japão; Coreia Manchúria, Taiwan, Okinawa e inúmeros outros territórios asiáticos foram removidos do “Grande Império Japonês”, diminuindo drasticamente a esfera da autoridade política japonesa. Isso implicou, por sua vez, uma enorme onda migratória. De um lado os japoneses que, seja como militares seja como funcionários civis, estavam vivendo nessas regiões se viram diante da necessidade de abandoná-las. De outro lado milhares de asiáticos que até 1945 haviam migrado voluntaria ou involuntariamente para regiões que hoje correspondem ao território político japonês tiveram que retornar a seus países de origem. Além disso, os Estados Unidos ocuparam o Japão, intervindo diretamente nos assuntos de governo por intermédio do “supremo comandante” General Douglas Mc Arthur, ODA (2011).

Os Estados Unidos, força vencedora do conflito, ocupou o Japão e a maioria das suas antigas possessões, mas estabeleceu um armistício que não era incondicional. Manteve o Japão com seu governante máximo o Imperador e estabeleceu as bases de um estado monárquico e parlamentar. O imperador permanecia como símbolo da identidade japonesa de modo a manter, pelo menos parte do orgulho nacional profundamente abalado pela derrota na guerra, PERES (2010).

Era fundamental naquele momento do pós-guerra que o Japão, embora empobrecido e fraco, se mantivesse ao lado dos americanos e compusesse o conjunto doutrinário de Mackinder, fornecendo uma barreira a crescente influência do

comunismo na Ásia. A tradição religiosa e o passado capitalista favoreciam o alinhamento com os ideais ocidentais, capitaneados pelos Estados Unidos, EUA, KISSINGER (2015)

Abrindo mão de suas forças militares, a responsabilidade pela defesa do território ficou a cargo dos americanos, que espalharam suas bases ao longo do país. Sob rígido controle político os japoneses iniciaram, com a ajuda americana um processo de reconstrução nacional, ODA (2011).

De maneira bem peculiar, as estruturas sociais do Japão pós-guerra foram se estruturando sobre forte influência americana, mas, bases tradicionais e aspectos a muito consolidados da cultura, no que pese toda a ocidentalização, foram mantidos. O espírito de sacrifício, a disciplina, o respeito, valorização dos símbolos nacionais, a identidade nacional, por exemplo, são valores que superam o tempo e influências externas. ODA (2011).

Essas características, aliadas a eficientes administrações corporativas, permitiram que a base industrial fosse remontada e remodelada, com ênfase na produção de itens de alto valor agregado e de alta tecnologia, FAU (2017).

Começa no início da década de 1950 uma nova orientação geopolítica que busca o desenvolvimento social, a reestruturação econômica, mas sem perder o contato com os valores milenares da cultura japonesa, focando na preservação da paz. Foi definido por BENEDICT, citado por PERES (2010), como “ética de alternativas”, “trilhar o cainho da nação pacífica”, “outros caminhos que não pela força”.

Tendo cumprido seu primeiro mandato de primeiro ministro a partir de 1947, Shigeru Yoshida teorizou em três pontos principais do novo pensamento geopolítico japonês, minimalismo diplomático, economicismo e bilateralismo. O economicismo era o foco principal na recuperação econômica, aumentando e melhorando os índices, exportando os excedentes e consumindo pouco, como é a característica natural do povo japonês. O minimalismo diplomático era a discreta participação política no cenário internacional, alinhando propósito como os países ocidentais, mas de forma discreta e pacífica, dando espaço para a influência realmente importante da economia.

O bilateralismo era a aliança político-econômica como os EUA, particularmente com a política americana de segurança no entorno asiático, PERES (2010).

Na década de 1950 uma primeira onda de recuperação de valores tradicionais e nacionais, revitalizou a cultura japonesa. Honra, tradição e antigos símbolos voltaram a ocupar o cenário nacional, ODA (2011).

Aspecto igualmente importante foi a divulgação da cultura japonesa, dentro e fora do Japão. Particularmente as artes marciais, como karatê, judô, kendo, passaram a ser mais difundidas dentro e fora do Japão, DOLAR (1996).

As escolas de artes marciais japonesas, dojô, se multiplicaram e os praticantes ocidentais passaram rapidamente para milhares ao redor do mundo, acompanhado a migração de professores, sensei, que se deslocaram para vários países da América e Ásia. Juntamente com filmes e livros a respeito do assunto, a cultura japonesa passou a ser amplamente difundida e apreciada, DOLAR (1996). Os samurais e as artes marciais japonesas passaram a viver no imaginário ocidental como símbolo de honra, perícia e disciplina, VASCONCELOS (2016)

As sucessivas crises econômicas internacionais foram sendo superadas e na década de 1980 os produtos japoneses eram referência de qualidade no mundo todo, com o característico rigor estético japonês, FAU (2017).

O pensamento geopolítico japonês migrou do imperialismo de conquista para a influência industrial, técnica e cultural. O Japão em 40 anos havia se tornado, outra vez, uma potência, não militar, mas econômica, FAU (2011).

Contudo, a década de 1980 trouxe novas preocupações ao Japão. Uma forte crise econômica e incertezas no cenário internacional, uma nova onda de violência com guerras e atos terroristas disseminados por todo o Mundo, levou o estado japonês a repensar sua orientação geopolítica. O primeiro ministro da década de 1980, Yasuhiro Nakasome, reavaliou a doutrina Yoshida para fazer frente as novas ameaças que se descortinavam, e as próprias necessidades do seu maior aliado, os EUA, tanto em indústria de ponta que complementasse a sua própria corrida armamentista, como em um estado aliado com capacidade dissuasória para apoiar a política americana na Ásia, PERES (2010).

.... fato evidente de que o Japão, há muito, não é exatamente um país pacifista, no sentido de renúncia total

à força por parte do Estado. Na verdade, como bem indicado por Gray (2013, p. 3), o melhor termo para definir o Japão pós-1945 é “Estado conformista”, no sentido de uma posição de aceitação incontestada da ordem internacional e de sua posição na mesma, sendo o pouco valor dado às forças armadas um reflexo direto, a parte fatores de política interna, dessa pouca vontade de alterar o sistema. BERTONHA (2017)

Nesse sentido as Forças de Auto Defesa do Japão se reequiparam e se modernizaram, mantendo efetivos bastante expressivos, tanto em terra, como no ar e mar, atingindo uma capacidade dissuasória capaz de, em conjunto com os EUA, manter o equilíbrio geopolítico no entorno, PERES (2010), sem no entanto contrariar abertamente a constituição nacional de 1947, que proíbe a guerra em quaisquer situação .

O governo japonês do primeiro ministro Shinzo Abe acabou de aprovar uma revisão da Estratégia Nacional de Defesa (END) do país e um aumento dos gastos militares para o próximo quinquênio, além de uma reorganização geral do sistema militar sob o comando de Tóquio.

O novo documento deixa claro que, apesar dos riscos de alguma tensão com a Federação Russa nas ilhas Kurilas, da ameaça do terrorismo e outras assimétricas, tais problemas se tornaram menores frente à nova realidade geopolítica regional. Nesse sentido, o grande problema japonês é a contínua e inexorável ascensão da China como grande potência militar, a qual pode tornar o Japão irrelevante estrategicamente – e, no limite, dependente da China – em poucos anos. Outro problema identificado é a proliferação de armas nucleares e mísseis balísticos na sua vizinhança (especialmente nos casos da China e da Coreia

do Norte), com riscos potenciais a própria integridade da população e das ilhas japonesas.

Um estudo a partir das menções a outros países no documento, ao menos na sua versão inglesa (NSS, 2013), indica muito bem essa situação. Os Estados Unidos são mencionados 57 vezes, enquanto China e Coréia do Norte recebem, respectivamente, 25 e 20 citações. Atores regionais importantes são mencionados apenas brevemente, como a Índia e a Austrália, com meia dúzia de citações, enquanto a Rússia, a inimiga principal até os anos 1980, é citada apenas 3 vezes. A mudança de foco e a identificação de novas ameaças são mais do que evidentes. BERTONHA (2017)

Com a chegada do século 21, novas ameaças e atores surgem no cenário internacional. Terrorismo, forças armadas que não pertencem a estados nacionais, mas que ameaçam o equilíbrio do mundo, fez o Japão rever suas posições quanto ao emprego das forças de defesa e seu papel constitucional, JAPÃO (2017).

Diante da ameaça nuclear constante da Korea do Norte e a posição dúbia da China, o Japão precisa de forças de defesa modernas e com capacidade dissuasória para manter o equilíbrio na Ásia. Como monarquia constitucional democrática, deve buscar meios para manter a paz no seu entorno geoestratégico, JAPÃO (2017).

Não se trata agora de conquista de territórios, mas sim da manutenção da paz e nesse particular, o Japão vem se equipando de maneira eficiente para conter as ameaças que surjam, JAPÃO (2017). “O Japão tem contribuído para a paz, estabilidade e prosperidade da região e do mundo. Contudo, em um Mundo em contínua globalização, o Japão deve participar de maneira mais proativa e mais forte, como um ator da comunidade internacional.”, trecho da Estratégia de Segurança Nacional, JAPÃO (2017). (tradução do autor).

Com menos de 1% do PIB aplicado na defesa, como preconizado na constituição, O Japão, pelo alto valor de seu PIB, investe o equivalente ao que a Alemanha investe em suas forças armadas, o que permite as Forças de Autodefesa

Japonesas estarem no estado da arte em termos de tecnologia e eficiência, BERTONHA (2017).

O objetivo agora é investir em novas capacidades, particularmente forças navais e aéreas com maior poder de fogo e alcance, como os novos navios porta helicópteros e sistemas de defesa aérea antimísseis, de maneira a aumentar a capacidade dissuasória e o alcance de suas ações.

Os maiores reforços, contudo, virão no campo da defesa aérea, naval e antimíssil. O número de submarinos passará de 16 para 22, o de contratorpedeiros com o sistema antimíssil norte-americano AEGIS de 6 para 8 e o de caças (como os novos F35 americanos) de 260 para 280. Serão também adquiridas dezenas de navios de escolta e patrulha tradicionais e modernizadas as unidades terrestres de defesa antiaérea. O sistema de controle do espaço aéreo também será renovado, com um maior número de radares e sistemas de detecção, incluindo um maior uso de satélites e de aviões de reconhecimento de longa distância. A Marinha japonesa também continuará a investir nos porta-helicópteros das classes Hyuga e Izumo, os quais são, na verdade, pequenos porta-aviões com nomenclatura diferente para fugir das restrições legais. BERTONHA (2017)

No entanto este novo pensamento geopolítico preocupa muitos países, particularmente Korea e China, que tem a memória viva do invasor agressivo do início do século 20. Contudo não se trata de um novo movimento imperialista, mas de uma oportunidade de, dentro de um contexto internacional complexo, voltar a um status geopolítico compatível com a tradição marcial e com o orgulho nacional, BERTONHA (2017).

Ser capaz de fazer frente a ameaças internacionais, como estado forte, colaborando com a manutenção da paz e do equilíbrio mundial, com capacidades tais

que tenham o efeito dissuasório necessário para manter o Japão em segurança, JAPÃO (2017).

Fica claro na nova estratégia de segurança japonesa que alguns pilares básicos da constituição nacional não serão alterados. Não se cogita a aquisição de capacidades bélicas nucleares, tão pouco se admite o uso das mesmas. Contudo o atual primeiro ministro Shinzo Abe, propõe uma mudança em alguns artigos da constituição para legalizar algumas ações pretendidas, BERTONHA (2017).

Talvez ainda mais relevante, contudo, seja a reforma legal. O governo de Shinzo Abe criou recentemente um conselho nacional de segurança baseado no modelo americano, para onde convergem todas as informações relevantes. Desse modo, defende Abe, os japoneses poderão reagir com maior rapidez aos acontecimentos referentes às políticas externa e de segurança. Além disso, a coalizão governista de Abe conseguiu aprovar na câmara baixa do Parlamento uma controversa lei de segredos de Estado para impedir o vazamento de informações. No Japão, informações confidenciais costumam vazar com tamanha facilidade que os diplomatas e militares americanos têm por hábito compartilhar o mínimo possível com seus aliados japoneses e tal situação pode ser, no mínimo, suavizada com a nova lei. A nova END ainda não significou um rompimento completo com o status japonês de suposto “país pacifista”, mas é mais um passo nessa direção.

Boa parte da mídia mundial identificou essa mudança no sentido de um abandono do pacifismo que caracterizaria a política externa e defesa do Japão desde a sua derrota em 1945, enquanto alguns países vizinhos, como a China e a Coreia do Sul, responderam com acusações de que o velho militarismo japonês estaria de volta. Já outras reportagens (Cronin, 2013) identificaram, nessa nova END, um indício

concreto de que o Japão estaria finalmente se tornando um país “normal”, com uma política externa ativa, e não passiva, e uma força militar não mais do tipo “Guarda Nacional”, de proteção exclusiva do território, mas de apoio a essa nova política externa. BERTONHA (2017)

5. CONCLUSÃO

Este trabalho pretende mostrar que o pensamento geopolítico japonês foi construído, reformado e adaptado ao longo de eras, acompanhando a sofisticação crescente de uma cultura marcial pautada pelo dever, tecnicidade, sentimento de coletividade e orgulho nacional.

Logo nos primórdios da história japonesa, o culto a divindade do imperador amalgamou um sentimento único de religiosidade, tipicamente japonês. A religião xintoísta autóctone, criou mitos e crenças que definiram parte importante da identidade nacional. Esse primeiro pensamento geopolítico reuniu vários pequenos feudos em torno de um governante que buscou a expansão de seus domínios ao longo das ilhas do arquipélago, partindo do reino central Yamato. Quer por alianças, ou mais comumente pelas ações bélicas, as terras subalternas ao imperador, Mikado, foram aumentando.

Com seu espírito de sacrifício peculiar, os súditos do descendente da deusa Amateratsu No Kami, construíram uma sociedade voltada para a guerra. Os exércitos que se multiplicaram na medida em que, os senhores feudais acumulavam terras e poder. Eram elementos fundamentais para o equilíbrio de forças. A burocracia feudal do imperador foi o sistema que permitiu o novo salto do pensamento geopolítico. Os damyo com seus exércitos, buscavam novas conquistas com a destruição e anexação de clãs rivais, de terras já conquistadas em todo o arquipélago pelos imperadores ancestrais. Foi a época das guerras civis e o surgimento do maior símbolo marcial do Japão, o samurai. Como todo símbolo, foi usado e interpretado de acordo com os interesses e objetivos de quem o utilizava. Os xogun utilizaram os samurai como instrumento de conquista e dominação. O projeto de poder dos Tokugawa transformou o Japão em uma potência bélica, respeitada e temida na Ásia e, cobiçada pelas potências ocidentais emergentes.

A capacidade bélica do povo japonês foi aperfeiçoada durante a era Meiji. O Império Japonês atingiu um tamanho e poder que superou a magnitude do antigo Império Chinês. Tornou-se temido até no ocidente, expandindo suas fronteiras pelo Oceano Pacífico. Derrotado na segunda Guerra, refez seus planos estratégicos e redefiniu sua política de modo a tomar um lugar, novamente, de destaque no cenário mundial. Dessa vez expandiu sua área de influência através da economia e cultura, exportando seus produtos de alta tecnologia e qualidade e seus símbolos milenares.

Os samurai, sua honra perícia e poder, habitam o imaginário de muitos povos, e são modelo de eficiência, temidos e respeitados.

A metade do século vinte, testemunhou um a nova forma de expansão japonesa. Produtos japoneses se tornaram símbolo de eficiência e qualidade, permitindo uma expansão pacífica e contínua da área de influência japonesa.

O nacionalismo japonês, sempre latente na cultura popular do país, ressurgiu forte no século 21, para se contrapor a uma nova era de incertezas. O Japão moderno vai aos poucos reconquistando seu lugar de potência bélica também, não para conquistar novos espaços físicos, mas para, acima de tudo, manter sua importância geopolítica entre as maiores nações do mundo.

O século 21 surgiu com novas e difusas ameaças, e velhos antagonistas históricos para o Japão, como Korea e China, se contrapondo em interesses e sempre buscando ampliar sua área de influência. Atualizando sua estratégia nacional de defesa, o Japão revisa posicionamentos importantes que adotou no passado, lembrando que foi, e sempre será, uma nação guerreira por princípio, culturalmente marcializada e disciplinada, com um forte apelo nacionalista. Ainda que não mais voltada para a expansão imperialista, pretende adotar uma postura proativa que lhe permita agir com oportunidade se atacada, ao mesmo tempo que dispõe de aparato dissuasório que lhe garanta ter papel importante em qualquer fórum internacional.

Fica claro, neste estudo, que o Japão possui a capacidade de influenciar na geopolítica regional do sudeste asiático e no Mundo, e que continua sendo ator importantíssimo na balança de poder. As mudanças atitudinais da política internacional japonesa, demonstram um entendimento profundo da geopolítica mundial e sua capacidade de adaptação e, que os valores marciais e culturais intrínsecos àquele País, a despeito dos acontecimentos, não foram alterados. A terra da deusa Amateratsu, sol nascente, é essencialmente a mesma em forma e conteúdo, e seu povo sempre acaba por voltar a seus valores mais caros, independente das mudanças socioambientais que ocorram no Mundo.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Cesar Duran. **Geografia, Geopolítica y Gobernabilidad: Geopolítica Aplicada**. Seattle: Amazon, 2016. 216p.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da Produção Científica**. 10ªed. São Paulo: Hagnos, 2002. 205p.

BASIL, Hall Chamberlain (org). **Kijiki, or Records of Ancient Matters**. 3ª ed. [s.l]: Kindle, 2009. 84p.

BARRIE, Borja Loma. **Todos los Países del Mundo**. [s.l.]: Kindle, 2016. 100p.

BERTONHA, João Fábio. A Nova Estratégia Nacional de Defesa Japonesa. **Boletim Meridiano**, Brasília , v.15, n.142, p. 39-44, mar./abr., 2014.

CONFUCIO. **Os Anacletos**. LAU, D C (trad.). [s.l.], L&M Pocket, 2016, 238p.

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Geopolítica e Geoestratégia**. Nação e Defesa, Lisboa, n.131, 5ª serie, p. 229-246. 2012.

COSTA, **Do Uji Kabane ao Bakuhan: A evolução dos Sistemas de Organização Política Japoneses**. [s.l]: Novas Edições Acadêmicas, 2017. 84p.

DOLLAR, Alan. **Secrets Of Uechi Ryu Karatê and the Mysteries of Okinawa**. Antioch: Cherokee Publishing, 1996. 523p.

FAU, Maurício. **Breve História de la Industrialización del Japón**. Buenos Aires: La Bisagra, 2017.18p

GRIFFIS, Willian E. **The Mikado's Empire, Book1: History of Japan, from 660B.C. to 1872 A.C.** (s.l): Lecturable, 2017? 478p

IKEDA, Daisaku. **Budismo: O primeiro Milênio**. Tradução de Ruy Jungmam 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. 181p.

JAPÃO. MINISTRY OF DFENSE. **National Security Strategy**. Japão, 2017.

KANDA, Rui. **Japan**. (s.l.):Lean Stone,2017. 41p.

KISSINGER, Henry A. **A Ordem Mundial**. Tradução Claudio Figueiredo. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 373p.

MACEDO, Emiliano Unzer. **História do Japão: Uma introdução**. 1.ed. San Bernardino: Amazon Independent Publishing, 2017. 291p.

MUSASHI, Miyamoto. **O Livro dos Cinco Aneis, O clássico Guia de Estratégia**. Tradução Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2000. 116p.

ODA, Ernani. **Interpretação da Cultura Japonesa e seus reflexos no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.26, n. 75, p.104 -114, fev. 2011.

NARUSAWA, Tokiu. **Sobre o Poder Militar do Japão**. 1 Ed. San Bernardino: Amazon Independent Publishing, 2017. 61p.

NITOBÉ, Inazo. **Bushido: The Soul of Japan**. 13ed. Tokio: (s.e), 1908. 103p

PHILIPPI, Donald L. (org.). **Kojiki**. Tokio: University of Tokio, 1969, 87p.

PERES, Lourenzo de Aguiar. **Religião e Segurança no Japão; Padrões Históricos e Desafios no Sec XXI**. Porto Alegre. 2010. 128p. [Dissertação – Mestrado em Ciência Política.]

PRAZERES, Raquel. **Visões do Oriente; O Budismo no Japão aos olhos de João Rodrigues Tçuzzu**. Lisboa. 2012. 118p. [Dissertação – Mestrado em Historia Moderna e dos Descobrimentos]

RIVER, Charles (org). **The Post War Occupation Of Japan: the History Of Transition From World War II to Modern Japan**. [s.l.], Charles River, 2016, 77p.

RIVER, Charles (org). **The Samurai: The History and Legacy of Japan's Military Elite**. [s.l.], Charles River, 2016, 61p.

UECHI, Kanei. **The Uechi-Ryu Karate-do Master Text: A Historical Perspective Durind the Reign of Uechi- Ryu.** Tradutor David W. Smith. Japão: (s.e),2008. 1364p.

REPS, Paul (org.). **Histórias Zen.** 1ª ed. Brasília: Teosófica, 1999. 181p.

THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR EDUCATIONAL INFORMATION. **O Japão de Hoje.** Tradutor Reinaldo Guarany. 1ªed. Moto Akasaka: Japan Echo, 1990. 179 p.

SILVA, Augusto César Pinheiro (org.). **Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território.** 1ed. Rio de Janeiro, Gramma, 2016, 258p.

TSUNEMOTO, Yamamoto. **Hagakure: Book of Samurai.** (s.l): Dragan Nicolic Aristeus, 2012. 95p.

VASCONCELOS,Ana. **O Guia dos Samurais.** 1ª ed. São Paulo: On Line,2015. 110p.

WEISE, Augustin Savedra. **Pensamientos Geopolíticos.** El Deber de Santa Cruz de La Sierra, Bolivia, julho de 2012.

